

Teo
Lite
rária



Arquivo recebido em
05 de junho de 2015
e aprovado em
12 de julho de 2015.

V. 5 - N. 9 - 2015

*Doutorando em
Ciências da Religião pela
Universidade Metodista
de São Paulo (UMESP).

•DOI - [10.19143/2236-9937.2015v5n9p105-119](https://doi.org/10.19143/2236-9937.2015v5n9p105-119)

Rastros do sagrado: O encontro entre literatura e teologia em Nikos Kazantzákis

Sacred traces: the encounter
between literature and theology
in Nikos Kazantzakis

*José Renato Santos**

Resumo

Tendo por referência a vida e a obra do escritor grego Nikos Kazantzákis (1883-1957), o artigo pretende realizar uma abordagem acerca do encontro entre literatura e teologia no referido autor. Trata-se aqui de insinuar a complementariedade entre as duas disciplinas – o que não significa concordância plena entre elas – tendo por base a criação literária de Kazantzákis. Com efeito, procurar-se-á acompanhar um pouco da sua incansável busca pelo sagrado e como os rastros desse esforço se expressam em sua arte literária. Para isso, num primeiro momento, apresenta-se um episódio específico da vida do escritor, sua peregrinação de quarenta dias ao importante centro monástico ortodoxo do Monte Athos, cuja experiência foi relatada e comentada por ele mesmo em alguns de seus textos, oferecendo indicações a respeito de algumas de suas principais intuições teológicas. A partir daí, procura-se refletir sobre os aspectos da literatura de Kazantzákis que trazem indícios daquilo que pode ser chamado de uma teologia da luta.

Palavras-chave: Literatura; Teologia;
Kazantzákis.

Abstract

The objective of the paper is to present the meeting between theology and literature in the work of the Greek writer Nikos Kazantzakis (1883-1957). Thus, will follow some of the search of the writer by sacred and how the traces of such an effort are expressed in his literary art. For this, at first, it approaches a specific episode Kazantzakis's life, his forty-day pilgrimage to the important Orthodox monastic center of Mount Athos, whose experience was related and commented by himself in some of his texts, offering indications about some of its main theological insights. From there, it tries to reflect on aspects of Kazantzakis literature that bring evidences of what can be termed as a theology of struggle.

Key words: Literature; Theology; Kazantzakis.

Introdução

No que se refere às relações entre teologia e literatura, antes de tudo, é preciso ressaltar as diferenças entre as duas disciplinas e lembrar que o escritor literário, cujo compromisso é especialmente com a arte, usufrui de uma liberdade que o teólogo, ao que parece, não possui naquilo que se refere à doutrina religiosa. Entretanto, a diferença – que não deve ser negada – não precisa significar que os discursos devam repelir-se mutuamente, e, nesse sentido, também reconhecer que entre estes campos de estudos pode haver uma relação de complementariedade. Atualmente crescem os estudos interdisciplinares de teologia e literatura; de modo que para os estudos teológicos a literatura pode ser um precioso instrumento de contato com a experiência humana e cristã, para além dos aportes da filosofia e das ciências humanas; por sua vez, para os estudos literários a abertura à teologia constitui um processo de superação da herança que vem do positivismo, passando pelo estruturalismo e pelo marxismo, que tinham em comum uma visão reducionista do ser humano e que lhe sacavam a dimensão de abertura ao mistério e à transcendência.

Sem a necessidade aqui de retomar tais discussões teórico-metodológicas e pressupondo a interpenetração das disciplinas como algo estabelecido, o presente texto procurará apresentar uma abordagem que

terá por referência a obra do escritor grego Nikos Kazantzákis. Embora pouco conhecido no cenário brasileiro, Kazantzákis é estimado como um dos grandes escritores do século XX. Nos Estados Unidos ele vem sendo consideravelmente estudado, sobretudo no que se refere ao alcance religioso de sua obra. De fato, Kazantzákis aparece como um escritor bastante apropriado para as análises da relação entre literatura e teologia. Entre os estudiosos da obra de Kazantzákis são reconhecidas as influências das filosofias de Nietzsche e Bergson em sua criação literária. Contudo, um lado menos manifesto de seus interesses e estudos, segundo o professor de literatura e teologia da Texas Christian University, Darren J. N. Middleton (2007, p. 146), seria as leituras que ele fez de teólogos e místicos tais como Agostinho (principalmente *As Confissões*), Jacob Boehme, Martin Buber, Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Albert Schweitzer, Teresa de Lisieux (*A História de uma Alma*) e Paul Tillich (principalmente *A Coragem de Ser*).

Apesar do seu interesse por temas teológicos, Kazantzákis não deve ser visto como um teólogo e é certo que ele mesmo não se considerava como tal, nem pretendia sê-lo. Ele foi sim um poeta, um homem de letras, um artista. No entanto, sua obra pode ser percebida pelo viés de uma literatura que recuperaria “a função de expressão (e de pedagogia) religiosa que havia de certo modo se perdido depois da Idade Média ou do século XVII” (DABEZIES, 1998, p. 522). Há ainda sinais de complementariedade – que não significa concordância – entre literatura e teologia em Kazantzákis quando, por exemplo, no prólogo de *A última tentação de Cristo*, ele argumenta que seu objetivo ao escrever o livro não era fazer uma biografia sobre Jesus Cristo e que não estava interessado em atacar a fé de quem quer que seja, mas, quem sabe, ajudar seus leitores a “amarem Cristo mais do que antes, com um amor mais profundo do que antes” (KAZANTZAKIS, 1988, p. 8).

Portanto, este texto tem como objetivo aproximar-se da incansável busca pelo sagrado empreendida por Kazantzákis. Para isso, num primeiro momento, acompanharemos um episódio da vida do escritor, sua

peregrinação de quarenta dias ao Monte Athos¹, que lhe trará muitas ideias religiosas e teológicas e que influenciarão seus escritos posteriores; depois, apresentaremos alguns aspectos da sua criação literária que manifestam aquilo que pode ser considerado como indícios de uma teologia da luta.

Kazantzákis e o Monte Athos: busca e nostalgia do sagrado

Em *Relatório ao Greco*², obra que funciona como uma autobiografia romanceada de Kazantzákis, ou sua confissão estético/espiritual, o escritor declara que seu primeiro grande anseio foi a liberdade, e o segundo foi o desejo de santidade: “Herói e santo ao mesmo tempo, eis o mais alto protótipo do homem; desde criança, esse protótipo tinha se fixado acima de mim, no céu azul” (KAZANTZÁKIS, 2014, p. 78). Ainda na infância, depois da leitura de um livro sobre a vida do eremita São João, Kazantzákis entende que deveria ir até o Monte Athos para se tornar um santo. Decidido, dirige-se até o porto da cidade, e ao se aproximar do primeiro barco que estava para zarpar pergunta ao marinheiro:

- O senhor pode me levar no barco, capitão?
 - Onde você quer ir?
 - Para o Monte Athos.
 - Onde? Para o Monte Athos? O que você vai fazer lá?
 - Santificar-me!
- O capitão morreu de rir; bateu palmas como se estivesse expulsando um frango.
- Para casa! Para casa! – gritou.
- Dei meia volta, cheio de vergonha, voltei para casa. Enfiei-me embaixo do sofá, a nunca contei nada disso a ninguém; hoje estou confessando pela primeira vez.

1. O Monte Athos é uma montanha e um centro monástico na península na Grécia. É patrimônio mundial da UNESCO, constituindo-se também como entidade política autônoma da República Helênica, governada por um conselho teocrático da Igreja Ortodoxa Grega. Na atualidade, os gregos usam a expressão “Montanha Sagrada” para se referir ao Monte Athos. O Monte Athos abriga vinte mosteiros greco-ortodoxos sob direta jurisdição do patriarca de Constantinopla. O nome oficial da entidade política é Estado Monástico Autônomo da Montanha Sagrada.

2. *Relatório ao Greco (Anafóra ston Gréko)*, foi o último livro escrito por Kazantzákis; publicado postumamente, em 1961.

Minha primeira tentativa de santificação fracassou (pp. 80-81).

Com o tempo, no entanto, Kazantzákis acabou se frustrando e se desiludindo com o que ele percebeu como subserviência tímida dos santos. Para ele, esses homens e mulheres santos eram como ovelhas balindo, irracionalmente obedientes e com medo de contestar o Todo-Poderoso. Assim, a santidade acaba possuindo um apelo limitado. Além disso, como Kazantzákis vai se familiarizando com a história de sua terra natal, Creta, especialmente no que se refere ao sangue derramado por seus orgulhosos guerreiros que defendiam a ilha da opressão turca, ele vai cada vez mais se sentindo atraído pelo indivíduo que é capaz de lutar heroicamente. Deixando as lendas dos santos para trás, o adolescente Kazantzákis começa a abandonar sua fé. Esta difícil e um tanto quanto dolorosa perda de fé acontece por volta de 1902 ou 1903.

Contudo, em 1914, “Kazantzákis entra em um dos períodos mais curiosos de sua vida, aquele que parecia envolver uma reversão da religiosidade que ele havia perdido doze ou treze anos antes” (BIEN, 1996, p. 115). Em *Relatório ao Greco*, por exemplo, conta-nos que, após viajar pela Europa ocidental e retornar para a Grécia, dentro dele “borbulhavam rebeldias espirituais confusas, irrequietas, e perturbações psicológicas,” terrivelmente inseguro com o direcionamento de sua vida, e aparentemente frustrado com sua inabilidade por respostas para as questões que atormentam os seres humanos: Quem sou eu? O que há em mim que me faz estar vivo? Como devo viver? Quem ou o que eu serei depois de morrer? A fonte de toda a verdade e realidade está em um reino mais elevado de sentido? “Se um jovem vê essas preocupações metafísicas como uma doença,” Kazantzákis diz, “naquela época, eu estava muito doente” (KAZANTZÁKIS, 2014, p. 185).

Invadido por tais dilemas foi que Kazantzákis, entre 15 de novembro e 25 de dezembro de 1914, ao lado do amigo e poeta Angelos Sikelianós, empreendeu uma peregrinação para visitar os mosteiros do Monte Athos.

Kazantzákis aponta a motivação da peregrinação do seguinte modo: “‘É preciso’, dizíamos e jurávamos que o faríamos, ‘era preciso que reorganizássemos o ascetismo cristão para inspirar-lhe, outra vez, um sopro criador’. Era preciso. Foi para isso que viemos para o Monte Athos” (2014, p. 198). Impressionado com a atmosfera ascética do lugar, ele experimenta o que denominou como “instante eterno”, que lhe inspirou a elaborar um intrigante aforismo teológico: “Frequentemente humanizamos Deus em vez de deificar o homem” (KAZANTZAKI, 1974, p. 45).

É difícil saber como interpretar este pronunciamento. Que tipo de leitura teológica parece mais apropriada, especialmente quando se pensa no contexto monástico de tal declaração. Kazantzákis estaria dizendo que discorda da doutrina que afirma que Deus se tornou humano em Jesus Cristo? Pensando em sua rejeição anterior da religiosidade tradicional, isso seria perfeitamente concebível. Contudo, é preciso lembrar que menos de um ano depois da sua experiência no Athos ele escreveu uma série de textos, entre os quais o drama teatral *Nicéforo Focas*³, onde é apresentado um Deus que pulsa no coração de um mundo em desenvolvimento ou em avanço evolucionário. Além disso, não se deve esquecer que a sua obra escrita em 1951, *A última tentação de Cristo*, funciona como uma espécie de recriação romanesca da condescendência divina na Encarnação. Tais observações dificultam imaginar que Kazantzákis discordaria da doutrina que considera a humanização de Deus em Cristo.

De acordo com Middleton (2007, p. 17), o aforismo elaborado por Kazantzákis adquire mais sentido quando colocado ao lado das noções de *katabasis* (descida) e *anabasis* (subida) sugeridas por Gregório

3. Nicéforo II Focas, inspiração do drama escrito por Kazantzákis, foi um imperador bizantino, entre 963 e 969, que expulsou os sarracenos da ilha de Creta.

Palamas⁴, que expressam a concepção oriental ortodoxa do descenso divino para a humanidade e a subsequente ascensão da humanidade até Deus.

Nos textos de Kazantzákis as palavras “subida” e “descida” são utilizadas com muita frequência. Na maioria das vezes, ele usa estas palavras, e suas metáforas associadas, para descrever as duas principais forças que atuam no nosso universo em desenvolvimento. Acompanhando o filósofo Henri Bergson, cujas aulas assistiu em 1908, Kazantzákis acredita que a vida é uma luta dinâmica entre o impulso animador, ou *élan vital*, e a matéria. Enquanto o *élan vital* funciona como o impulso por trás do aperfeiçoamento espiritual (subida), a matéria serve como o ímpeto por trás do desgaste físico (descida). A proposta da vida, segundo Kazantzákis, é procurar formas novas de avanço espiritual para colaborar com o *élan vital*, ou seja, contribuir com o impulso para cima e para frente da realidade.

A obra de Kazantzákis onde se expressa de um modo muito claro este vitalismo bergsoniano é o ensaio lírico *Ascese: Os Salvadores de Deus*, de 1927. Mas é possível considerar que a sua peregrinação ao Monte Athos – uma experiência que, devido à geografia da península, envolve literalmente subidas e descidas diárias – lhe ajudou a formular suas ideias religiosas e filosóficas muito antes de 1927, e de uma forma não muito diferente dos grandes formuladores do cristianismo oriental. Neste sentido, quando o escritor grego fala de “subida/ascensão” e “descida”, ele está se baseando nos principais temas da doutrina ortodoxa, onde, num certo sentido, se encontra boa parte da sua chamada nostalgia de Deus, ou seja: a apoteose, a santificação, a recriação, a transfiguração, a deificação da humanidade e do universo. Para o professor da Pittsburgh Theological Seminary, Carnegie Samuel Calian (1992, p. 85),

4. Gregório Palamas (1296-1359) foi um monge do Monte Athos, e, posteriormente, arcebispo de Salonica, conhecido como o teólogo preeminente do Hesicasmo. Ele é venerado como santo pela Igreja Ortodoxa e alguns de seus escritos são encontrados na Filocalia. O segundo domingo da Grande Quaresma é chamado “Domingo de Gregório Palamas” na Igreja Ortodoxa em sua honra.

O fundo ortodoxo oriental de Kazantzákis se reflete precisamente no ponto da divinização, ou theosis, que é o destino do fiel redimido. Theosis foi exatamente aquilo que sua alma procurou desde o início... Esta tentativa de ir além das fronteiras da limitação constituiu para Kazantzákis um confronto de dimensão divina.

No prólogo de *A última tentação de Cristo*, Kazantzákis vincula Cristo ao processo de deificação, conectando a subida de Jesus ao Gólgota com a nossa própria subida, a tarefa em curso de tornar-se verdadeiramente humano.

A batalha entre a carne e o espírito, a rebeldia e a resistência, a reconciliação e a submissão, e finalmente – o supremo objetivo do combate – a união com Deus. Foi esse o árduo caminho que Cristo palmilhou, a ascensão que ele nos convida a tentar, seguindo pela sangrenta trilha que nos deixou.

É este o Dever Supremo do homem que luta: partir na direção do cume altaneiro que Cristo, o primogênito da Salvação, atingiu (1988, p. 6)

“Cristo vivifica os fiéis”, Kazantzákis escreve do monastério Stavronikita, no Monte Athos, em 25 de novembro de 1914, pois Cristo é como “um sopro que fecunda os séculos e dá certa direção a todas as almas” (KAZANTZAKI, 1974, p. 46). Kazantzákis associa Cristo à transformação da alma: para o escritor, Deus está existencialmente disponível em Cristo, imanentemente presente no Espírito, totalmente em ação em nossa história e no desenvolvimento do cosmos.

Literatura com indícios de uma teologia da luta

A literatura de Kazantzákis se orientará a partir da ideia de luta e, em grande medida, no sentido de desenvolver e cultivar a figura do herói. Desse modo, convocará um seleto grupo de personagens, que envolvem homens históricos, figuras inspiradas na ação e na reflexão, que lhe servirão de exemplos e arquétipos para a fundação de uma nova forma de avaliação do mundo. Esses eleitos – só para citar alguns: Cristo,

Buda, Nietzsche, São Francisco de Assis, Lênin, El Greco – refletem, segundo Kazantzákis, uma luta e um esforço que obedecem tão somente à liberdade, uma heroicidade condizente com a época em que viveram. Guardadas as diferenças relativas ao tempo em que cada uma dessas personalidades viveu, bem como a diversidade de suas ideias, tais exemplos parecem representar para Kazantzákis um único e mesmo caminho: o esforço heroico, vital e visionário de superação do destino e dos valores arraigados.

Do mesmo modo, no que se refere ao seu aspecto religioso é preciso dizer que, embora Kazantzákis procure desenvolver de muitas maneiras a temática em torno da relação entre o ser humano e Deus, não se deve pensar esta obra como religiosa ou cristã, ao menos não no sentido tradicional. Aliás, deve-se lembrar que a relação de Kazantzákis com o cristianismo institucional sempre foi muito conturbada, repleta de constantes ameaças de excomunhão por parte da Igreja Ortodoxa Grega⁵. Por isso, as motivações religiosas do escritor grego devem ser percebidas pelo viés da rebeldia e da contestação, e, nesse sentido, ele pode ser colocado ao lado de outras figuras representativas do pensamento como Nietzsche, Dostoiévski, Unamuno, Simone Weil.

Assim, se por um lado verifica-se que Kazantzákis tinha um relacionamento heterodoxo com a religião, o que pressupõe de sua parte uma percepção não ortodoxa do sagrado, por outro, pode-se reconhecer também que ele era religioso, na medida em que possuía, por assim dizer, uma fé trágica. Além do mais, sua “teologia da luta” parece oferecer algum tipo de sentido para aqueles que hoje procuram Deus não numa

5. Diante das críticas e dos ataques que se intensificaram, principalmente depois de *O Cristo recrucificado*, que mostra a hipocrisia dos padres e bispos da Igreja Ortodoxa Grega, e de *A última tentação*, que apresenta um Jesus com fragilidades humanas, Kazantzákis envia às altas autoridades da Igreja, em 1954, o seguinte comunicado: “Vocês, santos Padres, me deram uma maldição. Eu lhes dou uma benção: fiquem com a consciência limpa como a minha, e que tenham tanta moral e sejam tão religiosos como eu” (KAZANTZAKI, 1974, p. 423). Apesar de tudo, o escritor não chegou a ser excomungado, mas, quando morreu, o patriarca ortodoxo de Atenas lhe recusou um enterro cristão, isso a pretexto de se tratar de um “inimigo” da fé. Todavia Creta, sua ilha natal, acolheu o corpo e lhe concedeu honras de herói.

forma estática de religião, mas num modo mais aberto e dinâmico de se interpretar o sagrado (MIDDLETON & BIEN, 1996, p. 7). Na perspectiva de Kazantzákis é preciso ser totalmente livre para se colocar em marcha e criar um sentido, qual seja: a ininterrupta busca, a constante luta com Deus.

Com efeito, o tema da luta é recorrente na obra do escritor grego, sendo uma parte fundamental daquilo que podemos considerar como sua teologia. Portanto, a luta se reveste de um caráter sagrado, pois é um ingrediente primordial no modelo de Deus que Kazantzákis vai moldando ao longo de sua literatura. Do ponto de vista de Kazantzákis: “cada um avalia a estatura do inimigo com quem luta; isso me agrada, mesmo que me perca, vou lutar com Deus” (2014, p. 146). A luta do ser humano com Deus é a matéria que dá substância à sua criação literária:

O tema principal, quase único, de toda minha obra, é o combate do homem com “Deus”, a luta acirrada do verme chamado “homem”, contra as forças todo-poderosas e tenebrosas que se encontram nele e em torno dele; a obstinação, a luta, a tenacidade da pequena Faísca que trata de penetrar e vencer a imensa Noite eterna. A luta e a angústia por transformar as trevas em luz, a escravidão em liberdade... (KAZANTZAKI, 1974, pp. 408-409).

Ora, a obra de Kazantzákis procura dar sentido ao esforço humano, à sua tentativa de se unir ao divino. Devido a ambiguidade do mundo, esta tentativa envolve conflito ou até mesmo perigo, resultando assim em diferentes tipos de resposta:

Eclode em todos o combate entre Deus e o homem, acompanhado do anseio pela reconciliação. Na maioria das vezes é um combate inconsciente e efêmero. Uma alma fraca não tem a capacidade de resistir à carne por muito tempo. Torna-se pesada; transforma-se ela própria em carne, e a luta termina. Entre os homens responsáveis, homens que dia e noite mantem os olhos concentrados no Dever Supremo, o conflito entre a carne e o espírito irrompe sem tréguas e pode se estender até a morte (KAZANTZAKIS, 1988, pp. 5-6).

Kazantzákis se concentra sobre aqueles cuja luta é forte e responsável, aqueles cujo esforço para dar sentido ao combate envolve coragem espiritual, ou seja, uma resistência heroica em relação às seduções da matéria. A forma que o escritor grego encontrou para dar expressão a essa luta foi a literatura. A arte literária torna-se, pois, o espaço e o veículo que lhe permite se movimentar nas áreas do Invisível, à beira do Abismo. Se Deus pegou no barro para criar o ser humano, Kazantzákis, poeta que era, se utilizou das palavras. Lutando com Deus, portanto, o poeta se sentia *um* com Ele, se sentia co-criador. Com as palavras ele criava o mundo, mas não só isso. Com as palavras ele estava criando Deus. Desse modo, “Deus é esculpido, coloquei, eu também, minha pedrinha vermelha, uma gota de sangue dando-lhe suporte para que não se perca, para me dar suporte, para que eu não me perca, fiz minha obrigação” (KAZANTZÁKIS, 2014, p. 28). Numa outra passagem, o escritor diz: “Cobri com as vinte e quatro letras do alfabeto – não tenho outras pedras nem asbestos – o novo caminho que leva à liberdade” (p. 334). Diante disso, escrever para Kazantzákis ganha a dimensão de um agudo dever: “escrevendo, não lutava para atingir a beleza, e sim a salvação” (p. 426).

O ensaio *Ascese Os Salvadores de Deus*, com sua forma poética, é considerado o resultado das especulações teológicas do escritor grego. Conforme Bien (2007, pp. 67-68), a visão de mundo de Kazantzákis, combinada com as filosofias de Bergson, Nietzsche e Buda, está formulada em *Ascese*, que providencia uma nova fé, isso depois do escritor ter perdido em alguma medida a fé no cristianismo. De fato, em *Ascese*, Kazantzákis interpreta do seu modo os mistérios da humanidade e, a partir deles, vislumbra um caminho ascensional e libertador, colocando em marcha uma ação redentora. Uma redenção que ultrapassa a concepção religiosa tradicional de salvação/aprovação e remissão dos pecados. A ação redentora para a qual Kazantzákis aponta tem a ver com a infundável luta contra a acomodação, contra o contentamento. Para ele, a satisfação é o pior dos pecados e, por isso, proclama em *Ascese*: “Sê

sempre inquieto, descontente, inadaptado. Quando um hábito se tornar cômodo, rompe com ele” (KAZANTZÁKIS, 1997, p. 68).

O Deus que Kazantzákis forja com as palavras em *Ascese*, se funde com o bem e com o mal, com o corpo e com a alma, com a razão e com a intuição, com o céu e com o inferno. Este Deus com o qual o poeta luta e que ele cria, ao qual ele se une e carrega dentro de si, combate nas fronteiras da linguagem para impedir que o sentimento de separação avance. É, pois, o grande esforço de fazer comunicável, ao menos por um momento, alguma fração do Inefável.

Esforçamo-nos por tornar visível esse Sopro, por dar-lhe um rosto, envolvê-lo em palavras, em alegorias, pensamentos e esconjuros para que não nos fuja.

Mas ele não cabe nas vinte e quatro letras de que dispomos; sabemos que todas essas palavras, alegorias, pensamentos e esconjuros não são mais que outra máscara a esconder o Abismo

Mas somente assim, delimitando o ilimitado, é que podemos labutar dentro das fronteiras do círculo humano recém-traçado (KAZANTÁKIS, 1997, p. 111).

Para Kazantzákis Deus está em contínuo processo de construção, deve estar sempre sendo criado. Por isso, deve-se ajustar e atualizar o rosto Deus, uma vez que o poeta grego entendia que as imagens dadas por outras épocas e povos à divindade são máscaras datadas:

Não me importa que rosto deram outras épocas e outros povos à prodigiosa essência sem rosto. Encheram-na de virtudes humanas, de recompensas e punições, de certezas. Deram um rosto às suas próprias esperanças e temores, impuseram um ritmo à sua própria anarquia, encontraram uma justificação superior para viver e labutar. Cumpriram seu dever.

Nós porém ultrapassamos hoje tais necessidades, rasgamos essa máscara do Abismo; nosso Deus não cabe mais na velha anteface. [...].

Cuidemos de debruçar-nos sobre nosso coração e ali divisar com destemor o abismo. Cuidemos de modelar o novo rosto contemporâneo de nosso Deus com nossa própria carne e sangue (KAZANTZÁKIS, 1997, pp. 113-114).

Em *Ascese*, Kazantzákis proclama: “A essência do nosso Deus é a LUTA” (1997, p. 101). Nada mais de acordo com a época de Kazantzákis do que dar a Deus um rosto de luta. Uma vez que “nossa época histórica é um momento de crise violenta, um mundo desaba e o outro ainda não nasceu. A nossa não é uma época de equilíbrio, em que a cortesia, a concórdia, a paz e o amor possam ser virtudes fecundas” (1997, 129). Conceber um Deus que toma o rosto duro, vulgar e atormentado de uma época, que trabalha enfurecido pelo cansaço e pela fome, que seja identificado com as lutas sombrias do ser humano e que, apesar de tudo, conserve a radiação do Infinito.

Na opinião de Bien, em cada um de seus romances Kazantzákis tentou reescrever ou fazer a transposição de *Ascese*; ou seja, ele tentou usar a forma narrativa a fim de comunicar as ideias que compunham sua visão de mundo preestabelecidas anteriormente no ensaio poético. Dessa forma, os protagonistas de seus livros, com toda a coragem e todo o heroísmo que lhes são peculiares, parecem refletir a própria tentativa do escritor de encontrar sentido através de uma teologia da luta. Os personagens de Kazantzákis são valentes desbravadores olhando por cima de um abismo, heróis em guerra com eles mesmos ou com aqueles em torno deles, reformadores preocupados com a natureza limite da existência.

Nesse sentido, seus personagens convertem-se em salvadores de Deus, pois, na perspectiva de Kazantzákis, “Deus inteiro corre perigo. Não poderá salvar-se se nós, com nossa luta, não cuidarmos disso; e não nos poderemos salvar se ele não salvar-se” (1997, p. 117). Esta máxima propõe que homem e Deus se apresentem como os dois perfis de um mesmo rosto. São, de certa maneira, dois términos, duas mani-

festações, dois componentes inseparáveis de uma mesma realidade, ao mesmo tempo aparente e latente. Com efeito, os heróis do poeta grego tornam-se também divinos – o que, afinal, não seria outra coisa que o máximo desenvolvimento das faculdades e das potencialidades a serem exercidas da melhor maneira possível. Desse modo, então, estaria desperta a consciência de um agir ao mesmo tempo místico e heroico em direção à divinização e à salvação de Deus. Tal perspectiva teológica, portanto, requer do ser humano que ele não dependa fatalmente em tudo de uma potência superior, esperando que um ser supremo resolva seus problemas cotidianos. Assim, os personagens de Kazantzákis não ficam de braços cruzados: eles lutam.

Considerações finais

No breve desenvolvimento deste texto, procurou-se insinuar o encontro entre literatura e teologia em Nikos Kazantzákis. Em nenhum momento se pretendeu “batizar” este autor como um teólogo, mas tão somente sustentar que a sua arte literária encontra-se constantemente envolvida com preocupações religiosas e permeada por temáticas teológicas. Nesse sentido, para usar um comentário do filósofo Luiz Felipe Pondé sobre Dostoiévski, mas que cabe muito bem a Kazantzákis, pode-se dizer que “sem religião não há compreensão de sua obra” (2003, p. 30).

Kazantzákis viveu para o combate, sempre dividido entre a irresistível atração que exerciam sobre ele as coisas da terra e a sede do absoluto. Em sua incansável busca e entre seus incontáveis caminhos sinalizamos a experiência no Monte Athos, e nesses passos fomos conduzidos ao encontro com a forte herança da tradição oriental ortodoxa. Aqui, a nostalgia de Deus remete o escritor à concepção de *theosis*, o processo de deificação ou divinização do ser humano. Trata-se de uma trajetória de vida que requer que se vá além dos limites; em outras palavras, este processo exige empenho e esforço do ser humano, coragem e heroísmo de sua parte, elementos estes que constituem a base para

Kazantzákis elaborar uma teologia da luta. Ora, a luta ganha caráter sagrado pois é um ingrediente primordial do Deus que Kazantzákis vai moldando ao longo de sua obra. Em suma, a grandeza do ser humano, sua deificação, está em lutar para escapar da conformidade, para se tornar um criador: ou seja, um lutador com Deus.

Referências bibliográficas:

- BIEN, Peter. "Kazantzakis's Long Apprenticeship to Christian Themes". In: MIDDLETON, Darren J. N. & BIEN, Peter (Ed.). *God's Struggler: Religion in the Writings of Nikos Kazantzakis*. Macon, GA: Mercer University Press, 1996, pp. 113-131.
- CALIAN, Carnegie S. *Theology without Boundaries*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1992.
- DABEZIES, André. "Jesus Cristo na Literatura". In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Editora UnB – José Olympo, 1998, pp. 517-523.
- KAZANTZAKI, Eleni. *Kazantzaki: El Disidente. Visto a través de sus cartas, sus notas, sus textos inéditos*. Barcelona: Planeta, 1974.
- KAZANTZAKIS, Nikos. *A última tentação de Cristo*. Trad. Waldéa Barcellos e Rose Nânie Pizzinga. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- _____. *Ascese Os Salvadores de Deus*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Relatório ao Greco*. Trad. Lucília Soares Brandão. Rio de Janeiro: Cassará, 2014.
- MIDDLETON, Darren J. N. *Broken Hallelujah. Nikos Kazantzakis and Christian Theology*. California: Lexington Books, 2007.
- _____. & BIEN, Peter (Ed.). *God's Struggler: Religion in the Writings of Nikos Kazantzakis*. Macon, GA: Mercer University Press, 1996.
- PONDÉ, Luiz F. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Ed. 34, 2003.